



## A vivência da fé sob o estigma na percepção de praticantes de religiões afro-brasileiras em Montes Claros

The experience of Faith under the stigma through the perception of the followers of afro-brazilian religion in Montes Claros

Jaqueline Souza Simões<sup>1</sup>

Jaciany Soares Serafim<sup>2</sup>

Gabrielle Freitas Mourão<sup>3</sup>

**Resumo:** O Brasil é conhecido pela pluralidade cultural e possui diversidade religiosa, mas apresenta intolerância no âmbito religioso inaugurada pelos portugueses na época da colonização. Essa intolerância é geradora de preconceito e discriminação direcionadas aos adeptos das religiões de matrizes africanas, o Candomblé e a Umbanda. Este estudo analisou a percepção sobre o estigma de religiões de matrizes africanas por seguidores do Candomblé e da Umbanda em terreiros da cidade de Montes Claros. Durante o processo histórico da colonização do Brasil, várias culturas e crenças foram trazidas, perpetuando até os dias atuais. Notou-se que é necessário conscientizar a população através de estudos e políticas públicas eficazes para redução de conflitos relacionados ao pertencimento às religiões de matrizes africanas.

**Palavras-chave:** Preconceito. Discriminação. Estigma. Religião.

**Abstract:** Brazil is known for its cultural plurality and has religious diversity; however, it presents intolerance in the religious environment presented by the Portuguese at the time of the colonization. This intolerance has been generating prejudice and discrimination directed to the followers of the religions of African matrices, Candomblé and Umbanda. This study examined the perception about the stigma of religions of African arrays by followers of Candomblé and Umbanda places in the city of Montes Claros. During the historical process of the colonization of Brazil, several cultures and beliefs were brought, perpetuating until the present days. It was noticed that it is necessary the population aware to the studies of effective public policies to reduce conflicts related to the followers to the religions of African matrices.

**Keywords:** Preconception. Discrimination. Stigma. Religion.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade de Saúde e Humanidades - FASI em Montes Claros – MG.

<sup>2</sup> Mestra em Desenvolvimento Social pela Unimontes/mg. Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora PUC/CES. Atualmente é professor - Faculdades Unidas do Norte de Minas (FUNORTE) e da Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). Coordenadora do grupo de pesquisa GTEPAS (CNPQ). Tutora da Liga Acadêmica de Psicologia Social (LAPS). Vice-presidenta da ABRAPSO. Coordenadora do núcleo ABRAPSO de Montes Claros. Coordenadora da Comissão de Assistência Social no CRP/subsede -norte. Possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social Comunitária, na gestão e intervenção no Sistema Único de Assistência Social.

<sup>3</sup> Graduada em Jornalismo pela Faculdades Unidas do Norte de Minas(2007). Graduada em Psicologia pela Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna - FASI

## Introdução

A intolerância religiosa possui um traço cultural na sociedade brasileira, tal como a discriminação e o preconceito, que estão ligados às questões sócio-históricas (BATISTA; GUIMARÃES; PLACERES, 2017). Esta incompreensão e não aceitação sobre determinada religião é denominada de intolerância religiosa. Apesar de o Brasil ser considerado como um dos países com significativa pluralidade cultural e religiosa apresenta dificuldades de convívio com o diferente, fundamentado em preconceito histórico e velado por parte daqueles que negam ou recusam a acreditar na influência dos negros em suas crenças, sobretudo de religiões de matrizes africanas (HIEDA; ALVES, 2011).

É visível a riqueza religiosa existente no Brasil, porém, há religiões que impelem às outras impondo seus rituais e crenças, não permitindo a expressão religiosa sem algum repúdio. Algo que é contraditório, pois a base da Diversidade Religiosa, é a sua liberdade de expressão (CAVALCANTI, 2014).

No período histórico da colonização brasileira, engendrada e materializada pelos portugueses em 1500, milhões de índios nativos habitavam o território brasileiro, com vivências em diferentes grupos, diferentes comunicações através de outras linguagens, além da prática da agricultura para a subsistência. Durante esse processo de colonização, a população nativa foi reduzida e suas terras utilizadas pelos colonizadores. A cultura nativa foi expropriada e considerada como paganismo pelos portugueses, considerados como “novos proprietários”. Para uma adequada apropriação da terra, os colonizadores transportaram milhões de africanos para serem escravizados nessas terras. Na visão do antropólogo Darcy Ribeiro, os nativos, os portugueses e os negros africanos são as matrizes para a formação da cultura brasileira (WILLEMANN; LIMA, 2010).

Os africanos assim como os indígenas possuíam crenças adversas do cristianismo cultuado pelos portugueses. Neste contexto, pela condição de escravizados, africanos foram perseguidos e o culto aos orixás trazidos da África, misturou-se ao culto dos santos católicos. A partir disso, juntamente com os nativos, os negros reestruturaram a religião dos orixás, que compreendiam a existência de entidades e forças superiores, estabelecendo contato com elas. Esse culto foi nomeado como Candomblé, que se constituiu no Brasil como uma derivação das

divindades africanas (EVARISTO, 2012). Já a Umbanda nasceu no início do século XX, no Rio de Janeiro, composta pelo catolicismo, a tradição de orixás africanos e símbolos, espíritos e rituais que compunham da cultura indígena (PRANDI, 2004).

Foi negado aos negros o direito de reproduzir suas práticas culturais, incentivando uma política discriminatória e perseguição às culturas de origem africana, obrigando – os a camuflarem e ocultarem suas expressividades religiosas e culturais (BONIFÁCIO, 2017). Com o intuito de exterminar a fé em matrizes africanas, os negros foram obrigados a frequentar as catequeses oferecidas pela igreja católica.

As religiões de matrizes africanas possuem suas diferenças na forma de cultuar e compreender o culto aos orixás. O Candomblé cultua entidades oriundas da África, através de rituais, danças, e cantos (CARDOSO, 2017). Já a umbanda carrega conhecimentos herdados das nações africanas e incorporou-se em sua fé conhecimentos de culturas diferentes, inclusive, a linha cigana e indígenas, possuindo também influencia do Kardecismo, Catolicismo, do Candomblé e do Xamanismo (HIEDA; ALVES, 2011).

Segundo Nascimento (2010), sob outro de vista, observa que o Candomblé e a Umbanda são essenciais para a luta africana no Brasil. O Candomblé porque reinventa a expressão da África no Brasil estabelecendo no âmbito social e cultural. E a Umbanda porque através da ação da classe média branca e depois pelos menos favorecidos da população em sua maioria negros e mulatos refazendo e inserindo a cultura africana na nação brasileira.

Importante elucidar que no Candomblé as consultas são realizadas através dos Búzios, guiado pelo Orixá Ifá que é o responsável por mostrar os caminhos a serem seguidos para a resolução de questões demandadas, ou seja, não aceita a comunicação direta com espíritos. Para os Candomblecistas, os orixás possuem vestimentas, alimentos e danças distintas e individuais, e são ancestrais que no decorrer da vida na terra, tem seus feitos reconhecidos pela humanidade, habitando-se em outro plano espiritual como deuses.

Na Umbanda, as consultas acontecem por meio de espíritos denominados caboclos (orixá), pretos velhos, baianos e exus. São entidades que já viveram e tiveram experiências na terra como pessoas, fazendo caridade no mundo espiritual com o intuito de evitar o encarne na terra novamente. As consultas são realizadas diretamente com as entidades, os espíritos desencarnados incorporam nos médiuns

com o intuito de aconselhar os assistidos nas suas solicitações, sejam elas, problemas relacionados à saúde, emprego, ou até mesmo conselhos amorosos. Essa incorporação é a principal fonte de comunicação da Umbanda, além disso, as entidades comunicam-se por meio do manuseio de elementos da natureza, como banhos de ervas, defumações, velas, pontos riscados, ponteiros, otás, pedras, cristais, guias, patuás, fumo, etc. Essas condutas possuem um teor caritativo, não exigindo pagamento pelas consultas (CARDOSO, 2017).

Apesar dos séculos passados, a intolerância a essas religiões permanece. Observa-se que tal discriminação no impedimento de manifestação religiosa por esses grupos, sobretudo aos locais onde acontecem os cultos cerimoniais chamados de “terreiros”. Logo, por mais que o Brasil seja visto como um país laico, a percepção sobre essas religiões é constituída com repúdio e preconceito negativo (HIEDA; ALVES, 2011).

O Estado tem o dever em comprometer-se com a Laicidade, pois é ela quem constitui o direito de expressar livremente no campo da religiosidade, não tendo o direito de normalizar vestimentas, rituais, crenças, vida clerical ou qualquer outra atividade que seja típica de alguma religião (CAVALCANTI, 2014).

A lei 11.635 referendada em 27 de dezembro de 2007 pelo então, na época, Ministro da Cultura Gilberto Gil e sancionada pelo ex- Presidente Luis Inácio Lula da Silva estabeleceu o dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa, o que representou um avanço na valorização às religiões de origem africanas. Esta lei teve origem com o falecimento da “Mãe Gilda de Ogum”, mãe-de-santo que sofreu um ataque cardíaco ao ter seu terreiro invadido e destruído por fiéis neopentecostais (HIEDA; ALVES, 2011). Constata-se, portanto, sob o ponto de vista legal, que há garantia de liberdade e de escolha religiosa através de um respaldo constitucional que garante ao cidadão o direito de escolher e mudar de crenças, e, até mesmo a descrença como no caso do agnosticismo e do ateísmo<sup>4</sup>. Entretanto, não há garantias simbólicas e materiais para a laicidade (PEREIRA; MIRANDA, 2017).

Pelo exposto, faz-se notável que o Brasil possui em suas dimensões histórica, social e cultural elementos estruturais e relacionais que contribuíram para a

---

<sup>4</sup>No Art.5º inciso VI da Constituição Federal de 88, destaca-se que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.



construção e permanência da exclusão dos adeptos dessas religiões de origem africana como uma forma de estigma religioso.

O termo estigma referia-se a sinais corporais que demonstravam algo de extraordinário ou ruim sobre o sujeito na Grécia Antiga. As marcas eram feitas com cortes ou fogo que revelava que o indivíduo era um escravo, um criminoso ou traidor, que deveriam ser evitados, especialmente em lugares públicos. Em sua visão, o autor explicou o estigma como as abominações do corpo, caracterizadas por deformidades físicas, as condutas comportamentais fora de um padrão imposto pela sociedade e, por último, os estigmas tribais relacionados a raça, religião e nação, que eram transmitidos para a família constituinte. Neste sentido, o ato de estigmatizar ocasiona diversos tipos de discriminação e cria uma ideologia de segregação social, a qual aponta as “imperfeições” rotulando e inferiorizando ideias, crenças e atitudes que vão contra ao estabelecido pelos padrões da sociedade em determinada época e/ou espaço geográfico (GOFFMAN, 1988).

Diante do exposto, depreende-se como é importante relacionar a cultura das matrizes africanas, no que tange à discriminação vivenciada por membros dessas religiões na sociedade brasileira, como exposta acima, compreendendo esta sociedade como estigmatizadora. Compreende-se, portanto, que os conflitos religiosos são presentes nas relações brasileiras e a partir disso lança-se a questão: os devotos das religiões de matrizes africanas estão seguros para frequentarem e manifestarem suas crenças religiosas? E existe a possibilidade de superação das diferenças no âmbito religioso na percepção deles? Quais são os sofrimentos desencadeados?

## **Metodologia**

Esta pesquisa analisou a percepção sobre o estigma de religiões de matrizes africanas por seguidores do Candomblé e da Umbanda em terreiros da cidade de Montes Claros. Foi realizada pesquisa de campo, com caráter qualitativo e com interpretação de análise de conteúdo. A amostra foi composta por conveniência pela técnica SnowBall que consiste em uma forma não probabilística, são utilizadas em pesquisas sociais em que os participantes principiantes indicam novos participantes até a saturação de conteúdo (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Foram entrevistados 08 participantes adeptos e seguidores das religiões Candomblé e Umbanda, de ambos os sexos, com idade entre 25 a 50 anos. A entrevista foi semiestruturada, com 09

questões abertas, construídas pelas pesquisadoras, realizadas nos terreiros dos participantes. A interpretação dos dados coletados aconteceu a partir da análise do conteúdo de Bardin, que é um conjunto de técnicas que analisa de comunicações realizadas em entrevistas, com objetivo de sanar incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados (BARDIN, 2009). A pesquisa se respaldou pelas orientações da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco foi avaliado como mínimo, sendo considerado como tal o constrangimento durante a entrevista, como também quebra de sigilo e desistência dos entrevistados. Para diminuir os riscos todas as informações pessoais dos participantes foram mantidas em sigilo e a identidade não foi e não será revelada em qualquer parte da pesquisa. Para preservar a identidade, os participantes serão referenciados por uma letra do alfabeto. O estudo teve como benefício o aprofundamento no conhecimento acerca do tema. A devolutiva consistirá no envio do relatório com os resultados para o email dos participantes.

Obteve aprovação com o CAAE 91971218.6.0000.5141. Este artigo passará por banca de avaliação final e sendo aprovado será enviado relatório final ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da SOEBRAS e envio para a publicação.

## **Resultados E Discussão**

### **Fatores que motivaram a escolha religiosa**

Observou-se que o maior número dos entrevistados conheceu a religião a partir das relações com os seus familiares, que já eram adeptos e possuíam participação ativa nas sessões religiosas. Como afirma o Pai de Santo.:

“Conheci a religião através da minha família, meus pais tinham um centro que hoje, após o falecimento dos dois, sou eu quem administra”(Participante E).

“Conheci a religião através da minha família, minha avó materna tinha um centro espírita ao lado de sua casa, então, cresci ao som dos atabaques”(Participante A).

Outro fator que influenciou os entrevistados na escolha da religião foram situações relacionadas à doenças ou sensações distintas das “consideradas comuns”

por eles, tais como arrepios e alterações da consciência corporal, como diz o participante

“Desde novinho, eu tinha uns “tremeliques”, tipo uns tiques... sonhava com Ogum, Oxóssi e sempre fui fã de água, mar e cachoeira e um dia meu amigo sabendo dessa minha condição me levou em um Centro Espírita Pai Tobias...”(Participante K).

Para Silva (2007) as manifestações das religiões de matrizes africanas, tal como as suas danças, são consideradas como algo demoníaco. Como efeito da intolerância, pais evangélicos afastaram seus filhos da ONG “Toca o Bonde”, projeto que ensina sobre o samba, na comunidade de Santa Teresa no Rio de Janeiro, por acreditarem que os batuques representam cultos ao demônio. Destaca-se, também, a intolerância relativa às vestes trajadas por esses religiosos. Na mesma cidade, uma mulher foi expulsa de um ônibus por trajar um turbante típico das religiões afro-brasileiras. Neste contexto, avança-se a hipótese de que a violência advém da percepção estigmatizada desses religiosos pelos grupos sociais.

### **As restrições à vida relacional**

Referente à questão de frequentar ou realizar atividades devido à escolha religiosa, os participantes afirmam que há uma restrição na vida cotidiana pelos compromissos dentro dos terreiros, como a função dos Pais de Santo e dos Ogãs, que desempenham um papel essencial para a realização das atividades, constatamos a partir da fala do Pai de Santo

“Perdi algumas oportunidades por não poder deixar o Centro, pois as reuniões devem acontecer todas as quartas e domingos, já tive oportunidade de emprego em outra cidade e tive que recusar, além de já ter sofrido preconceito ao falar da religião a qual pertencço”(Participante E).

Outros participantes relatam que abandonaram a igreja católica por situações distintas,

“... parei de frequentar a missa... porque acho desgastante” (Participante R).

“Eu fui expulso da igreja católica (pausa) tentei me candidatar a coordenador de crisma... em uma reunião, o padre disse da seguinte forma: “a gente entende a sua religião, mas você não pode ter duas, vai ter que escolher ou frequenta a igreja ou vai ‘pra’ macumba’. Desde que me entendo por gente, tudo vem lá de dentro, eu

não posso desprezar minha religião. Daí eu abandonei o catolicismo”(Participante RH).

Observa-se que esse participante fez várias pausas durante a entrevista, sendo compreendido pela análise como sofrimento ao trazer a vivência de questões que afetaram sua relação social. Em relação à questão de como a religião afeta a vida dos participantes, destacam-se

“Terminei um namoro por conta da religião, na verdade foi um noivado. Isso porque eu gostaria de uma sessão do casamento também na minha religião, algo que foi negado pela noiva, causando o término”(Participante M).

“Já fiquei cinco anos sem estudar, sai da escola por isso. A intolerância religiosa, ela causa um impacto psicossocial muito grande, é quase que uma morte civil”(Participante R).

Constata-se que devido à escolha da religião, os adeptos são excluídos pela sociedade que abominam essas religiões que herdam preceitos africanos. Além disso, através das entrevistas, os participantes possuem a percepção de que as pessoas os definem como macumbeiros, no sentido pejorativo. Também se observou uma culpabilização quanto aos religiosos quanto à intervenção negativa na vida alheia. Tais circunstâncias são identificadas através das falas.

*“Não conto minha religião pra ninguém, sabe? Muitos tem preconceito. Tudo pra eles é macumba”(Participante L).*

*“Você tem que rezar para que ninguém adoça do seu lado, pois senão a culpa é sua”(Participante R).*

As falas acima representam que a cultura e a prática trazida pelos negros escravizados são submetidas a um lugar de desprezo no que diz das expressividades no âmbito religioso. Essas práticas eram subjugadas aos preceitos da fé cristã e tudo que possuía relação às manifestações africanas foi demonizado (NASCIMENTO; ABIB, 2016). É notável que, o espaço geográfico dos cultos religiosos afro-brasileiros sofre segregação dos demais, pois, as igrejas neopentecostais se encontram em lugares de maior evidência, enquanto os terreiros se concentram em locais mais afastados e em contato com a natureza, porém, esse afastamento não impede que os centros sofram com ataques hostis e crueldade daqueles que não toleram as suas devoções (SANTOS; SILVA FILHO, 2017).



Possíveis justificativas em relação ao preconceito sofrido pelos praticantes das religiões são a presença da matriz africana, incorporações (transes) praticadas pelos médiuns e alguns rituais presentes na religião como as oferendas entregues aos orixás e os trabalhos realizados com o orixá Exu (SALES, 2017).

Alguns cultos realizados pela Umbanda e pelo Candomblé, não limitam-se apenas aos terreiros, sendo assim, algumas atividades são realizadas fora dos limites das casas de santo. Diversos “trabalhos” devem ser executados em áreas específicas, dependendo do objetivo e da ligação com a entidade para qual se oferta o despacho. Tais trabalhos são vistos de forma negativa pelo imaginário social (BONIFÁCIO, 2017).

### **Estereótipos atribuídos aos seguidores**

A maioria dos participantes utiliza um colar, que os identifica como adeptos à religião, nomeado como “contas”, o que contribui para a construção e permanência de estereótipos negativos relativos ao seu uso. Sendo assim, na tentativa de evitar quaisquer constrangimentos, os participantes utilizam o acessório de maneira disfarçada, quase que oculta, para não serem submetidos a represálias. De acordo com a participante

“Eu uso um artigo no pé chamado Contra Egun, é uma espécie de amuleto que serve como proteção contra o mal olhado... é confeccionada com fitinhas de palha no período da quaresma” (nesse momento da entrevista, a participante levanta a barra da calça para mostrar o adereço) (Participante A).

“Eu utilizo um fio de contas no pescoço do orixá Exu, que é bem criticado no Brasil pela falta de conhecimento. Geralmente, no meu trabalho eu não uso, pois fico a frente de uma empresa. Vejo como um prejuízo, pois, por mais que o país seja considerado laico, existe um preconceito, algumas pessoas deixam de comprar imóveis comigo devido a minha religião” (Participante R).

Este adereço é compreendido como um estigma, um sinal corporal que identifica o indivíduo como parte de um grupo ou de sua identidade, neste caso, como membro de religião de matriz africana. São classificados pela sociedade como incomuns, causando um mal estar naqueles que utilizam seus acessórios e que são reconhecidos através deles. Muitos evitam a utilização sendo observado como prejuízo em suas relações profissionais e pessoais.

Outro ponto que confere avaliação negativa ao estereótipo de ser adepto de religiões afro-brasileiras refere-se à alimentação, que segundo os participantes possui restrições de acordo com a entidade que os guiam, por exemplo: o consumo da carne vermelha, bebidas alcoólicas e locais que são consideradas de baixa energia como baladas são evitadas, e durante as sessões as vestimentas são específicas.

Essas ações de discriminação são provenientes do processo de aquisição e incorporação de conhecimentos, classificando o mundo em sua volta mediante o contato com a sociedade, sendo no âmbito social, das ideias e das representações a produção ou reprodução da cultura. Nas relações vivenciadas pelos participantes com não praticantes das religiões de origem africanas, essa classificação possui uma inclinação para o estranhamento em relação ao “outro” que tende a formar pré-conceitos que conduzem esses pensamentos e atos, que interferem nas relações sociais produzindo uma atitude de exclusão daqueles que são considerados diferentes apontados também como inferiores e ou prejudiciais (AMORIM, 2014).

### **Fatores que contribuem para a construção da identidade estigmatizada**

Conforme explicitado anteriormente, os estereótipos (crenças) negativos contribuem para uma identidade estigmatizada, sendo reduzidos a termos pejorativos causando sofrimentos e exclusão perante a sociedade. Logo, ser adepto da religião de matriz africana é ser considerado como inadequado socialmente. Percebe-se, através dos relatos, que os participantes possuem a noção do que contribui para uma identidade estigmatizada, como a falta do conhecimento das religiões de matrizes africanas, como exemplificado abaixo

“Acredito que apresentar informações sobre espiritualidade, diversidade de religiões seria uma boa saída para minimizar o preconceito que perpetua até hoje sobre nossa religião”(Participante E).

Observa-se também que há uma visão distorcida da religião e suas manifestações, como afirmado a seguir

“No geral, com a falta de conhecimento... falam que é coisa do ‘capeta’ e na verdade a gente reza “Em nome do Pai” e os mensageiros vem falar sobre Cristo, pedindo proteção... as pessoas precisam ser mais sérias, e ter mais respeito, ter mais limite. Há muita ignorância. Deus é um só. Mas, a ignorância faz as pessoas agirem dessa maneira”(Participante L).

Nota-se que os adeptos a religiões de matrizes africanas são considerados inaptos ou “loucos” para realizarem atividades cotidianas, trazendo prejuízos e angústia para os que sofrem com essas concepções negativas, influenciando no seu desenvolvimento social. As restrições estão presentes tanto nas relações pessoais ou amorosas até as relações profissionais, como dito a seguir

“Em 2010, perdi o emprego devido a ter meu nome associado à religião. Passei por tratamento no CAPS, inclusive, tive dificuldades com a própria psicóloga do CAPS, porque dava para perceber que ela tinha uma fé diferente da minha, e ela tentava dar mais explicações ao estado de consciência da manifestação do que o fato em si de eu ter sofrido intolerância” (Participante R).

Como o catolicismo é dominante no país muitos de seus fieis ainda enxergam o diferente, sob o ponto de vista religioso, com olhos do passado histórico do Brasil. Esses não são os únicos que disseminam o preconceito, há uma competição entre diferentes religiões, sendo uma circunstância persistente da intolerância. As religiões mais impactadas são aquelas de matrizes africanas, reduzidas pela maioria como “macumba”, no sentido pejorativo do termo (VIANA, 2017).

Para Oliveira (2010) o papel dos orixás denominados Exu e Pomba-Gira tornaram-se o principal foco da opressão e discriminação religiosa, contrariando a compreensão de que seus enredos são complexos e ricos com conteúdo místico e cultural. Tais distorções levam a população à crença na demonização da divindade, causando mal-estar em seus seguidores, que sofrem nesse processo discriminatório. Silva (2007) pontua que, as danças e os trajes utilizados também são objetos alvo da intolerância. Entende-se que a partir disso, as atividades que o indivíduo realiza em um período significativo dentro de um grupo refere-se a ideia de representação, sendo que essa imagem é utilizada para a sociedade (GOFFMAN, 1985).

### **Considerações Finais**

Conclui-se que o preconceito a partir da ideia de demonização das religiões de matrizes africanas, a discriminação materializada por meio da separação de grupos de religiões bem-feitoras e mal-feitoras e o estereótipo da imagem do “macumbeiro” identificado nas danças, nos costumes, na alimentação e nas contas usadas, constituem o estigma na percepção dos participantes entrevistados.

Entende-se, portanto, que a liberdade religiosa possui um amparo legal, porém, a realidade brasileira é outra, pois evidencia manifestações preconceituosas e violentas contra, as religiões de origem africana, que gera a intolerância religiosa (SILVA, 2014). O crescente número de ataques violentos contra adeptos de religiões africanas justifica a necessidade de ações que envolvam mais a temática. A psicologia possui a necessidade de investigar a relação entre essas religiões e a discriminação, contribuindo também, de alguma maneira para a sociedade quando aprofunda o conhecimento a partir da ótica de quem sofre o preconceito. Tal projeto se assenta em dados como no Relatório sobre Intolerância e Violência religiosa no Brasil de 2011 a 2015, que retrata o índice em porcentagem de vítimas que sofrem pela escolha de sua religiosidade sendo 27% delas de Matrizes Africanas, 16% Evangélicas, 8% Católica, 7% Espírita, 2% Islã, 1% Judaica, 2% Ateu, 2% outros e 35% sem informação.

Por todo o exposto, esta pesquisa se fez de suma importância para a psicologia, quando se considerou a perspectiva das interações sociais na criação do estigma, ressaltando, portanto, que as interações sociais se constituem como objeto de estudo da psicologia social. Percebe-se a necessidade de intervenção jurídica e do estado através de políticas públicas para a conscientização da população, considerando que o Brasil é um país laico. Também se fazem necessários estudos e pesquisas para o aprofundamento do tema e enfrentamento de atos intolerantes contra aqueles que são adeptos ao Candomblé e/ou Umbanda. Para além da concepção religiosa, promover essa conscientização é um resgate da própria cultura da sociedade brasileira, cuja identidade se constitui originalmente por índios, negros e brancos.

Por fim, considerando que uma pesquisa qualitativa relaciona a percepção do fenômeno com o observador, importa expor a experiência das pesquisadoras, pois foram educadas pelo Cristianismo e tolhidas quando surgiam dúvidas em relação à outras religiões. Diante disso, surge a oportunidade de entender e aprofundar o estigma referente ao Candomblé e a Umbanda e sendo motivadas a desmistificar os rótulos criados para os adeptos das religiões de matrizes africanas em comprometimento social da Psicologia.

## Referências

AMORIM, C.R. **Religiões afro-brasileiras e identidades: interlocução entre antropologia e psicologia social.** *Synthesis*, v.7, n.2, Rio de Janeiro, 2014, pp.159-168.



BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **SNOWBALL (BOLA DE NEVE): UMA TÉCNICA METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA.** *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*, Curitiba, p.329-341, nov. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BATISTA, B. M.; GUIMARÃES, F. A. de S.; PLACERES, G. **Aspectos da intolerância religiosa no Brasil: dominância política, social e institucional cristã frente a Umbanda e o Candomblé.** *Revista Labirinto*, v.26, 2017, pp. 122-14.

BONIFÁCIO, W. V.G. **A invisibilidade das religiões afrobrasileiras nas paisagens urbanas.** *Produção Acadêmica*, v. 3, n. 01, 2017, pp. 134 -147.

CARDOSO, T. M. **Religiosidade e discriminação a partir da análise dos Terreiros de Umbanda e Candomblé no Município de Rio das Ostras (RJ).** *Repositório Institucional da Universidade Federal Fluminense – Trabalho de Conclusão de Curso*, Rio das Ostras – RJ, 2017.

CAVALCANTI, C. A. **O QUE É DIVERSIDADE RELIGIOSA, AFINAL? E VOCÊ, O QUE TEM COM ISSO?** *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 2, p.332-344, jun-dez. 2014.

EVARISTO, M. L. I. **O útero pulsante no candomblé: a construção da “afroreligiosidade” brasileira.** *Sacrilegens*, v. 9, n. 1, Juiz de Fora – Mg, 2012, pp.35-55.

FONSECA, A. B.; ADAD, C. J. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares,** *Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos*, Brasília, 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana;** 3ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HIEDA, M. F.; ALVES, A. A. **Intolerância religiosa a umbanda: a perseguição da igreja universal do reino de Deus aos umbandistas.** *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 3, n. 9, Maringá – PR, jan 2011.

NASCIMENTO, A. A.S. **Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil.** *RBSE*, v.9, n. 27, João Pessoa, dez 2010, pp.923-944.

NASCIMENTO, S. A. do.; ABIB, P.R.J. **Cosmogonia africana: a resistência das religiões africanas na contemporaneidade.** *ESCRITAS*. v. 8, n.1, 2016, pp.88-106.



OLIVEIRA, S. **Psicanálise e umbanda: a demonização do exu como interdição simbólica e intolerância religiosa.** *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 3, n. 8, Curitiba, set 2010.

PEREIRA, J. S.; MIRANDA, S. R. **Laicização e Intolerância Religiosa: desafios para a História ensinada.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan-mar 2017.

PRANDI, R. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.** *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, São Paulo, set-dez 2004, pp.223-238.

SALES, V. A. **Umbanda: preconceitos e similaridades.** *CELACC USP*, São Paulo, mai. 2017.

SANTOS, M. S.; SILVA FILHO, J. C. A. **O neopentecostalismo e a intolerância religiosa praticada contra as religiões afro-brasileiras.** *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 5, n. 2, Vitória, ago-dez 2017.

SILVA, A. Z. O. da. **Intolerância religiosa e a laicidade no Brasil sob o aspecto constitucional.** *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades Est. São Leopoldo - RS*, jan 2014, pp. 31-44.

SILVA, V. G. da. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo.** *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, abr 2007, pp.207-236.

VIANA, A.P. **A intolerância religiosa no Brasil.** *Revista Posição*, v.4, n.14, abr-jun. 2017.

WILLEMANN, E. M.; LIMA, G. R. de. **O preconceito e discriminação racial nas religiões de matriz africana no Brasil.** *Revista Uniabeu*, v. 3, n. 5, Belford Roxo – RJ, set-dez, 2010.

Recebido em: 07/05/2020

Aceito em: 27/05/2020